

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

O Pequeno Príncipe

COM AQUARELAS DO AUTOR

TRADUÇÃO

LUCIANA SANDRONI



I

QUANDO EU TINHA SEIS ANOS, vi uma vez uma imagem magnífica num livro sobre a Floresta Virgem chamado *Histórias vividas*. A imagem representava uma jiboia que engolia uma fera. Aí está a cópia do desenho.



No livro dizia: “As jiboias engolem sua presa inteira sem mastigar. Depois, não podem mais se mexer e dormem durante os seis meses da digestão”.

Pensei muito sobre as aventuras na selva e, com um lápis de cor, fiz meu primeiro desenho. Meu desenho número 1 era assim:



Mostrei minha obra-prima aos adultos e perguntei se meu desenho dava medo.

Eles me responderam:

“Por que um chapéu me daria medo?”.

Meu desenho não representava um chapéu. Era uma jiboia digerindo um elefante. Então desenhei o interior da jiboia, para que os adultos conseguissem entender. Eles sempre precisam de explicações. Meu desenho número 2 era assim:



Os adultos me aconselharam a deixar de lado os desenhos de jiboias abertas ou fechadas, e a me dedicar mais à geografia, à história, ao cálculo e à gramática. E foi assim que abandonei, aos seis anos, uma magnífica carreira de pintor. O fracasso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2 me desanimou. Adultos nunca entendem nada sozinhos e é cansativo para as crianças terem que dar explicações o tempo todo.

Tive então que escolher outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Voei um pouco por toda parte do mundo. E a geografia, não posso negar, me ajudou muito.

Eu sabia distinguir, só com uma olhadela, a China do Arizona. Isso é muito útil, se a gente se perde à noite.

Assim, durante a minha vida, fiz muitos contatos com um monte de gente séria. Convivi com os adultos, os conheci de perto. O que não melhorou muito minha opinião sobre eles.

Quando encontrava com um que me parecia um pouco mais lúcido, fazia a experiência com meu desenho número 1, que sempre guardei. Queria saber se ele era capaz de entender. Mas sempre respondiam a mesma coisa: “É um chapéu”.

Então eu não falava nem de jiboias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. Eu me colocava no nível dele e falava de *bridge*, de golfe, de política e de gravatas. E o sujeito ficava bem satisfeito de conhecer um homem tão sensato.

II

E ASSIM VIVI SOZINHO, sem ninguém com quem eu pudesse conversar de verdade, até sofrer uma pane no deserto do Saara, seis anos atrás. Qualquer coisa se quebrou no motor. E como não havia nem mecânico nem passageiros comigo, me preparei para tentar con-

sertá-lo sozinho, mesmo sendo difícil. Era questão de vida ou morte. Eu só tinha água para oito dias.

Na primeira noite adormeci na areia a mil milhas de qualquer terra habitada. Estava mais isolado que um náufrago agarrado a uma tábua no meio do oceano. Então, imaginem minha surpresa, ao amanhecer, quando uma vozinha engraçada me acordou e disse:

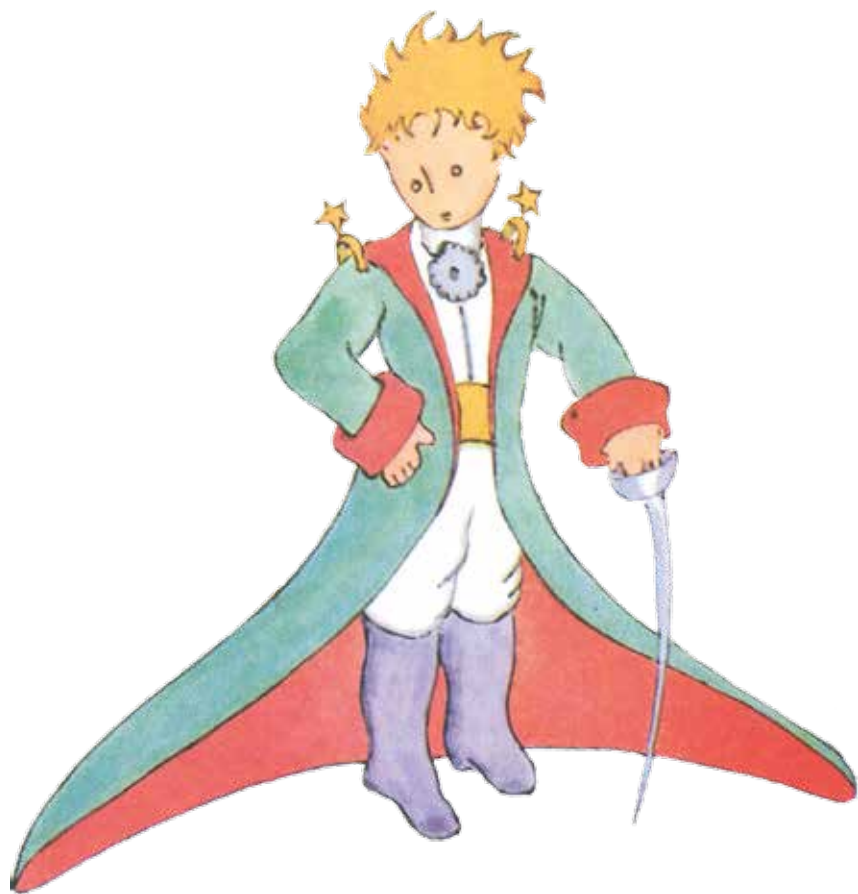
— Por favor... desenhe para mim um carneiro!

— Hein?!

— Desenhe para mim um carneiro...

Eu me levantei rápido como atingido por um raio. Esfreguei bem os olhos e olhei bem. E vi um homenzinho totalmente extraordinário que me olhava com um ar sério. Eis o melhor retrato que, mais tarde, consegui fazer dele. Meu desenho, com certeza, é muito menos encantador que o modelo. Não é minha culpa. Fui desencorajado da minha carreira de pintor pelos adultos aos seis anos, e não aprendi a desenhar, salvo as jiboias abertas e fechadas.

Olhei para aquela aparição com os olhos arregalados de espanto. Não esqueçam que eu estava a mil milhas de qualquer povoado. Além disso, o meu homenzinho não parecia perdido, nem morto de cansaço, nem morto de fome, de sede, ou de medo. Não parecia em nada



EIS O MELHOR RETRATO QUE, MAIS TARDE, CONSEGUI FAZER DELE.

com um menino perdido no deserto. Quando finalmente consegui falar, perguntei:

— Mas... o que você está fazendo aí?

E ele repetiu, docemente, como uma coisa muito séria:

— Por favor... desenhe para mim um carneiro...

Quando o mistério é muito impressionante, é melhor não desobedecer. Por mais absurdo que aquilo me parecesse a mil milhas de qualquer região habitada e correndo risco de vida, tirei do meu bolso uma folha de papel e uma caneta. Então, lembrei que tinha estudado principalmente geografia, história, cálculo e gramática e disse ao rapazinho (com um pouco de mau humor) que não sabia desenhar. Ele me respondeu:

— Isso não tem importância. Desenhe para mim um carneiro.

Como nunca tinha desenhado um carneiro, refiz para ele um dos dois únicos desenhos que era capaz. Aquele da jiboia fechada. E fiquei espantado com a resposta dele:

— Não! Não! Não quero um elefante dentro de uma jiboia. Uma jiboia é muito perigosa, e um elefante é espaçoso demais. Onde moro é muito pequeno. Eu preciso de um carneiro. Desenhe para mim um carneiro.

Então eu desenhei.

Ele olhou atentamente e disse:

— Não! Este é muito doente. Faz outro.



Fiz outro:

Meu amigo sorriu gentilmente, com paciência:

— Veja bem... este não é um carneirinho, é um “carneirão”. Tem chifres...



Refiz o meu desenho:

Porém, como os anteriores, também não agradou:

— Este é velho. Quero um carneiro que ainda tenha muitos anos de vida.



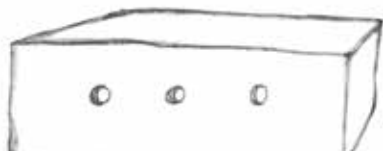
Então, já sem paciência nenhuma, e como tinha pressa de consertar o motor, rabisquei este desenho e disse logo:

— Isto é uma caixa. O carneiro que você quer está dentro dela.

Fiquei bobo de ver se iluminar o rosto do meu jovem juiz:

— Era exatamente o que eu queria! Você acha que ele precisa de muito capim?

— Por quê?



— Porque onde moro é muito pequeno.

— Isso será o suficiente com certeza. Eu te dei um carneiro bem pequeno.

Ele inclinou a cabeça para ver o desenho:

— Ele não é tão pequeno assim... Veja! Dormiu...

E foi assim que conheci o pequeno príncipe.

III

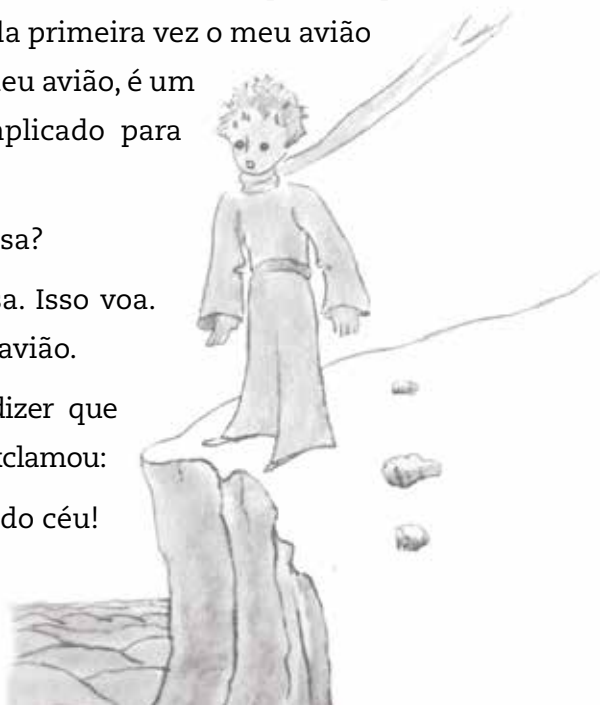
DEMOREI UM BOM TEMPO para entender de onde ele vinha. O pequeno príncipe me fazia muitas perguntas, e nem parecia escutar as minhas. Mas ele me dizia palavras, ao acaso, que me revelaram tudo pouco a pouco. Quando notou pela primeira vez o meu avião (não vou desenhar meu avião, é um desenho muito complicado para mim), ele perguntou:

— O que é essa coisa?

— Não é uma coisa. Isso voa. É um avião. É o meu avião.

Senti orgulho de dizer que eu voava. Então ele exclamou:

— Puxa! Você caiu do céu!



— Sim — disse modestamente.

— Ah! Que engraçado...

E o pequeno príncipe deu uma bela gargalhada, que me irritou bastante. Esperava que ele levasse a sério minhas dificuldades.

Depois ele continuou:

— Então você também veio do céu! De que planeta você é?

Vislumbrei de imediato uma luz no mistério da sua presença e perguntei sem rodeios:

— Você veio de outro planeta?

Mas ele não respondeu. Balançou a cabeça observando o meu avião:

— Pensando bem... com isso você não pode ter vindo de muito longe...

E mergulhou num devaneio profundo. Depois, tirou meu desenho do carneiro do bolso, e contemplou seu tesouro.

Vocês devem imaginar o quanto me intrigou aquela alusão a “outros planetas”.

Tentei então saber mais:

— De onde você vem, rapazinho? Onde você mora? Para onde vai levar o meu carneiro?

Ele me respondeu, depois de um silêncio meditativo:

— Isto aqui está bom, com essa caixa que você me deu. E à noite ela vai servir de casa.

— Claro! E se você for gentil, lhe darei também uma corda para prendê-lo durante o dia. E uma estaca também.

A proposta pareceu chocar o pequeno príncipe:

— Prender o carneiro? Que ideia maluca!

— Mas se você não prendê-lo, ele pode sair por aí e se perder.

E meu amigo deu de novo uma gargalhada:

— Mas aonde você acha que ele iria?!

— Sei lá. Ele vai andar por aí, seguir em frente...

O pequeno príncipe observou gravemente:

— Isso não faz diferença, onde moro é muito pequeno.

E com um pouco de melancolia, ainda disse:

— Tão pequeno que não se pode nem seguir em frente...



O PRINCEZINHO SOBRE O ASTEROIDE B 612.

IV

ENTÃO ME DEI CONTA DE UMA coisa importantíssima: seu planeta de origem era pouco maior que uma casa!

Isso não me espantou muito. Eu sabia que fora os planetas grandes como a Terra, Júpiter, Marte e Vênus, há centenas de outros, que são às vezes tão pequenos que é difícil de perceber, mesmo pelo telescópio. Quando um astrônomo descobre um planeta, dá a ele um nome com um número. O chama, por exemplo, de “asteroide 325”.

Tenho sérios motivos para acreditar que o planeta de onde veio o pequeno príncipe é o asteroide B 612. Esse asteroide foi visto só uma vez no telescópio, em 1909, por um astrônomo turco.



Ele fez então uma grande demonstração da sua descoberta em um Congresso Internacional de As-